Limites e possibilidades para a configuração mediática do reconhecimento em redes sociotécnicas[1]

Angela Pintor dos Reis

Palavras-chave: redes sociotécnicas; reconhecimento; Facebook; sociabilidade.

RESUMO EXPANDIDO

O presente estudo discute as razões pelas quais os atributos de redes sociotécnicas podem colaborar para a emergência de condições favoráveis à dimanação de formas mediáticas do reconhecimento e ao mesmo tempo podem colocar em xeque a possibilidade dessa experiência intersubjetiva. A reflexão articula os seguintes elementos, de natureza conceitual e metodológica: [1] a epistemologia do reconhecimento desenvolvida por Honneth (2011, p. 165-181); [2] os princípios e as funcionalidades do Facebook, assumidos como *corpus* de referência; e [3] o procedimento adotado e discutido por Deleuze (2010, p. 25-64), de subtração de elementos de um objeto para a liberação de suas variações e de seus sentidos não dominantes. A relação entre esses três elementos leva ao afastamento do componente de sustentação do reconhecimento, a saber, a moralidade em Kant (2011, p. 33) como esteio do respeito, e ao consequente deslocamento conceitual dessa experiência intersubjetiva, para sua admissão no contexto de redes sociotécnicas.

Honneth (2011, p. 165-181) desenvolveu uma epistemologia do reconhecimento baseada na articulação entre o princípio de visibilidade social e o conceito de respeito na filosofia moral de Kant. Na concepção do autor, o reconhecimento concretiza-se na medida em que outrem é valorizado como fonte de pretensões legítimas, no sentido de o indivíduo ser admitido como válido em suas demandas. Para que isso ocorra satisfatoriamente, essa experiência intersubjetiva deve assentar-se em visibilidade social e orientar-se pelo respeito, conforme conceituado por Kant. Para este filósofo, o respeito é um sentimento que se produz por meio da razão e corresponde à consciência da subordinação da vontade à lei como mandamento necessário em si; dessa obediência resulta a representação de um valor que causa dano ao amor-próprio do sujeito (KANT, 2011, p. 33). Honneth (2011, p. 176) interpretou essa definição como a necessidade de o

[1] Este estudo origina-se de resultados iniciais de Pesquisa de Pós-Doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais/Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

sujeito renunciar a uma posição egocêntrica em uma relação, colocando-se mediante a alteridade de maneira descentrada.

Nessa epistemologia, a visibilidade social não equivale ou não contempla, de maneira específica, a visibilidade em sua forma sociotécnica, isto é, elaborada no concurso entre corpo, subjetividade e tecnologia de comunicação. Trata-se, antes, da concepção de um valor, atribuído ou incorporado por indivíduos ou grupos sociais, que deve ser simbolizado na função de princípio norteador das relações intersubjetivas em contextos democráticos. Nesse caso, a visibilidade social é condição de indivíduos ou grupos sociais e sua extensão ocorre na simbolização do ato de admitir o outro válido em suas pretensões como prova da veridicidade dessa ação.

Se visibilidade social e respeito são exigências sem as quais o reconhecimento não sobrevive concretamente, as relações que problematizam a veridicidade da simbolização do valor do outro (quando se acredita que o simbolizado é capaz de guardar correspondência precisa em relação à suposta univocidade da intenção de valorizar o outro) põem em dúvida a possibilidade de o reconhecimento ser experiência possível em determinadas conjunturas, incluindo aquelas organizadas por relações que se processam em redes sociotécnicas.

Essas redes são viabilizadas por sites ou serviços de tecnologia de comunicação, projetados para promover conexão e visibilidade entre usuários (indivíduos e organizações) para uma rede de contatos ou "amigos" (BOYD; ELLISON, 2007). Embora esses sites tenham tipicidades não necessariamente coincidentes e nomeiem as propriedades de suas interfaces cada um à sua maneira, há características comuns entre eles no que diz respeito às possibilidades oferecidas aos seus participantes, a saber: [1] construir um perfil público ou semipúblico; [2] articular uma lista de usuários com os quais mantêm contatos; e [3] ver e cruzar sua lista de contatos para multiplicá-los (BOYD; ELLISEON, 2007). Essas características confirmam-se no Facebook, em termos operacionais e institucionais.

O Facebook é uma empresa de capital aberto, que se atribui a missão de conferir às pessoas o poder de compartilhar conteúdos por meio de conexões (FACEBOOK, 2016a). Essa missão está espelhada em alguns dos princípios da empresa, definidos como "deveres" a serem praticados pelos usuários, capazes de lhes assegurar liberdade de conexão, compartilhamento de conteúdos, reputação e visibilidade (FACEBOOK, 2016b). A conjugação da missão do Facebook com seus princípios sumariza-se na

máxima do *dever de liberdade*, inscrito na lógica da liberdade negativa que, segundo Petit (2013, p. 617), defende o desimpedimento absoluto entre indivíduos.

O dever de liberdade, acompanhado dos objetos que o constituem – as conexões entre indivíduos e o enlace que essas favorecem entre subjetividade e funcionalidades sociotécnicas –, produzem condições para a emergência de formas de um reconhecimento de caráter liberal. A especialidade e a motivação dessas formas de experiência intersubjetiva não se sustentam no espírito moral do respeito, mas no livre fluxo de conexões, do qual a visibilidade sociotécnica é parte indispensável. Esse ambiente perfaz uma conjuntura frágil no que se refere à sua capacidade de viabilizar uma prova da verdade do reconhecimento, à medida que oferece recursos que incentivam a criação de perfis falsos, protegem a mentira e tornam praticável a liberdade negativa. Apesar disso, as redes sociotécnicas são espaço privilegiado para o estabelecimento e a proliferação de relações intersubjetivas orientadas pela expectativa por reconhecimento.

Conceber condições de natureza mediática para o reconhecimento em ambiente improvável para essa experiência intersubjetiva, a se considerar sua concepção tradicional, implica buscar novos contornos para um modo de relação percebida como estruturante de fenômenos sociomediáticos. Um caminho para esse trabalho interpretativo condensa-se no procedimento de subtração do elemento invariante de um objeto para que este se desloque e se abra a outras significações. Essa operação foi discutida por Deleuze (2010, p. 25-64) em reflexão sobre o trabalho do dramaturgo, ator e cineasta italiano Carmelo Bene. De maneira sinônima à discussão de Deleuze (2010, p. 41-42) sobre o que resta de um objeto quando dele são retirados elementos de poder, coloca-se aqui em questão o que permanece do reconhecimento, para o contexto das redes sociotécnicas, quando dessa experiência é extraído seu elemento de poder, isto é, o respeito na forma de moralidade, que institucionaliza e normaliza o conceito. Excluído o respeito como seu elemento constituinte, o reconhecimento libera-se do crivo da moralidade e de sua exigência para com uma verdade do sujeito, para ser entendido no campo da pura visibilidade sociotécnica, engendrada no manancial de conexões e no extravasamento de manifestações de corpo-subjetividade.

Esse modo de ser da sociabilidade, à maneira de um liame construído por conexões entre subjetividades, funcionalidades sociotécnicas e normas do ambiente tecnológico, precipita-se em duas frentes de ação: [1] persistência das conexões, que se conservam em operação ao infinito, e, assim, mantêm a atividade contínua das redes sociotécnicas em ambientes como o Facebook; e [2] visibilidade sociotécnica como

atributo do modo de ser em conexão com outrem. Na correlação entre essas duas frentes, há trabalho das relações intersubjetivas para permanecerem em devir, movimento no qual se inscrevem o outro, as funcionalidades sociotécnicas das redes e o reconhecimento como possibilidade. O devir das relações intersubjetivas persevera nas conexões e nas funcionalidades sociotécnicas das redes, e ambas engendram seu sentido no fenômeno da visibilidade sociotécnica.

A emergência das conexões e sua coagulação em relações de identidade, formando redes sociotécnicas, são consideradas aqui no âmbito de uma teoria da potência, como a que propõe Deleuze a partir da filosofia de Spinoza. Deleuze (2002, p. 103-110) interpreta o conceito de *conatus* em Spinoza (2013, p. 175) como o direito do modo existente de perseverar na existência e, para isso, o modo existente fará todo o esforço para conservar sua potência. Uma das maneiras de assegurar essa conservação é organizar encontros orientados por relações de identidade (DELEUZE, 2002, p. 108). Se o modo de perseverar na existência se esforça por constituir relações de identidade, que se aglutinam constituindo formações sociais, esse modo de perseverar se expressa em redes sociotécnicas como manifestações em ato da vida no plano de imanência (DELEUZE, 1992, p. 51-79). As fontes de sustento desses modos existentes e das próprias redes são as conexões, a visibilidade sociotécnica e o reconhecimento nesse contexto mediático na função de alimento disponível para a conservação dos modos existentes.

Referências

BOYD, danah; ELISSON, Nicole. Social network sites: definition, history and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [s. l.], v. 13, n. 1, Oct. 2007. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>. Acesso em: 14 out. 2015.

DELEUZE, Gilles. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Sobre teatro**: um manifesto de menos; o esgotado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FACEBOOK. **Our mission**. Site institucional, 2016a. Disponível em: <http://newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em: 2 ago. 2016.

_____. **Princípios do Facebook**. Site institucional, 2016b. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/principles.php>. Acesso em: 6 ago. 2016.

HONNETH, Axel. **La sociedad del desprecio**. Madrid: Trotta, 2011.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Ed. 70, 2011.

PETIT, Philippe. Liberalismo. In: CANTO-SPERBER, Monique (Org.). **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.